

## Apresentação

### Dossiê A. Gramsci 80 anos depois

#### MovimentAção: Vol. 4, No. 7 (2017)

Temos o prazer de apresentar o dossiê *A. Gramsci 80 anos depois*. Reunimos aqui um conjunto de reflexões, temas e abordagens que demonstram a atualidade de seu pensamento décadas depois de sua morte e em um contexto nacional e histórico bastante diverso daquele sobre o qual se voltou o marxista italiano.

Se algumas semelhanças podem ser notadas entre o início do século XX e o nosso tempo presente, tais aproximações são necessariamente perturbadoras na medida em que remetem à ascensão das forças conservadoras expressas em nosso contexto, entre outras manifestações, na recorrência de um discurso político que assume retórica agressiva contra as esquerdas e o marxismo. Em uma confusão astuciosa e perigosa entre doutrinação e crítica, teoria e ideologia, este discurso procura inviabilizar o debate crítico e a própria liberdade de manifestação política. Tal censura acompanhou também o surgimento e a trajetória do fascismo, que foi um dos mais recorrentes alvos da aguda reflexão gramsciana. Combinando uma leitura atenta dos movimentos políticos na Itália nos anos de fortalecimento de B. Mussolini, ele articulava tal leitura com a identificação da reorganização das forças produtivas e das relações entre as classes levadas à cabo pelo fascismo.

Ainda que o “novo” conservadorismo em alguns aspectos nos aproxime do tempo de Gramsci, não se deve perder de vista a particularidade de nosso presente. Sem isso, não poderíamos ter em conta a capacidade que os conceitos e formulações gramscianos possuem de se expandir, alcançando problemas que não poderiam ser vislumbrados em seu contexto.

Uma noção ou conceito de grande capacidade expansiva e explicativa é a revolução passiva. Neste dossiê, dois artigos tratam deste conceito. Um deles, *Notas gramscianas: golpe de estado e luta de classes no Brasil do século XXI* mobiliza-o para entender o processo

político em curso no país a partir de 2013. A ideia de fundo é que o caráter conservador da estrutura social e política brasileira faz com que, nos processos de mudanças sociais em um dinâmica de modernização-conservação haja, de maneira persistente na história, uma predominância da conservação. Por isso a chave de revolução passiva é fundamental para entender a formação nacional e seus desdobramentos até o século XXI. O artigo *Gramsci e a História: uma reavaliação do conceito de revolução passiva* segue um caminho similar ao explorar as potencialidade do conceito de revolução passiva para entender o Brasil e seu processo de formação. No entanto, procura pensar nas contribuições do conceito para a produção historiográfica, articulando-o com importantes contribuições de marxistas brasileiros.

Para além do Brasil, o texto *A recepção de Gramsci no pensamento social boliviano* retoma sua presença no debate político e intelectual daquele país. A partir da leitura de Luis Tapia e Álvaro García-Linera, mostra como tais intelectuais recorreram à noção de hegemonia articulando-a à uma interpretação que levava em conta a particularidade boliviana. A essencial particularidade é a presença dos segmentos e estratos nativos, que exigiram de tais intérpretes o que se chamou de *doblo mirada*, ou seja, um discurso capaz de articular a classe e a questão étnica.

Em *Notas sobre a questão sexual nos cadernos carcerários de Gramsci*, os autores tratam da chamada questão sexual em Gramsci como uma possível aproximação da temática do feminismo e de gênero no debate contemporâneo. A temática da alteridade é também o cerne do artigo *Antonio Gramsci e alteridade a relação dirigente dirigido*. Ao identificar que o *outro* é construído politicamente e culturalmente, o tema vincula a reflexão de Gramsci com a Antropologia, que lida fundamentalmente com a alteridade/diferença recusando naturalizá-la ou explicá-la através de uma suposta essência atemporal.

Foi seguindo tais orientações que Gramsci pensou a relação entre o Norte e o Sul italiano, que no discurso político de sua época fundamentava-se na distinção até mesmo biológica dos meridionais, tratados como inferiores, o que explicava a fragmentação da Itália e a pobreza daquela parte da Península. Partindo da crítica de Gramsci a esse discurso, em a *Questão nordestina: esboço de uma interpretação a partir da questão meridional de Gramsci* discute-se o Nordeste brasileiro, as políticas econômicas e a atuação das classes dirigentes na construção de um consenso desenvolvimentista no Brasil.

Trata-se, assim, de uma “tradução” da questão meridional para a análise da questão nordestina. O conceito de tradução e tradutibilidade, que está sendo bastante valorizado nos estudos recentes sobre Gramsci, é o mote do artigo *Crítica artística e “tradutibilidade” nos*

*cadernos do cárcere de Antonio Gramsci*. A correspondência entre política e arte, sem a subsunção da última pela primeira, é o que permite se falar em tradução de diferentes linguagens em Gramsci e da unidade entre política, história e filosofia.

Tal unidade também aparece no artigo *O velho, novo e novíssimo: a Comuna de Paris (1871) nos escritos de Antonio Gramsci*, que pretende articular os acenos de Gramsci ao acontecimento de 1871 e à história da França no século XIX colocando-os no centro da elaboração da teoria política gramsciana.

Este dossiê que lembra os 80 anos da morte de Gramsci apresenta uma resenha do livro *Gramsci e a Revolução Russa*, que celebra os 100 anos da Revolução. Para nós, é possível agora, no século XXI, nos apropriarmos do pensamento e da experiência militante de Gramsci considerando a capacidade de amplos estratos superarem a condição de subalternidade; e também entendermos a alteridade/diferença, como étnicas e de gênero, como parte dos estratos colocados em condição de subalternidade. Essa é uma das lições para o presente e o futuro que podemos extrair dos textos e da experiência vivida de nosso autor.

Por fim, compõe este número da revista uma resenha da nova publicação de *Linhagens do Estado Absolutista*, de Perry Anderson.

Sabrina Areco e Claudio Reis